

Vencedora do Prémio RITA para Melhor Romance

Eloisa
James

MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS
EM TODO O
MUNDO

A PAIXÃO

de WILDE

TOP
SEL
LER

Este livro é dedicado às minhas queridas amigas Cecile e Rachel, que o leram de várias formas, me enviaram inúmeras mensagens de incentivo e se revelaram brilhantes conspiradoras, ajudando-me a escrever, reescrever e voltar a reescrever.

Obrigada, meus amores!

Capítulo 1

25 de junho de 1778
Londres

Não havia uma única pessoa em Londres que acreditasse que o rapaz que fora criado para ser Lorde Alaric Wilde viria a tornar-se famoso.

Infame? Isso, sim, era uma possibilidade. O próprio pai lhe atribuíra esse epíteto, quando Alaric fora expulso de Eton aos 11 anos por deliciar os colegas com histórias de piratas.

A pirataria, em si, não fora o problema — o problema fora a maneira curiosa como o jovem Alaric descrevera os seus mesquinhos professores de Eton, disfarçando-os de marinheiros bêbedos. Atualmente, evitava retratar ingleses moralistas, mas o impulso de estar constantemente a observar nunca o abandonava. Examinava e resumia, estivesse na China ou numa selva africana.

Escrevia sempre o que via. Os livros de Lorde Wilde eram uma consequência desse impulso de registrar as suas observações, uma motivação que lhe surgira assim que aprendera a escrever as primeiras frases.

Como toda a gente, nunca lhe ocorrera que esses livros pudessem torná-lo famoso. E estava longe de pensar de maneira

diferente quando saiu da sua camarata no *Royal George*. A única coisa que sabia, nesse momento, era que estava, finalmente, preparado para ver a família, todos os seus oito irmãos, já para não mencionar o duque e a duquesa.

Mantivera-se afastado durante anos, como se o facto de não ver a campa do irmão mais velho, Horatius, tornasse a sua morte menos real.

Mas chegara a hora de regressar a casa.

Apetecia-lhe uma chávena de chá. Um banho quente e vaporoso numa banheira a sério. Uma golfada do ar cheio de fumo de Londres.

Caramba, até sentia saudades do cheiro a turfa que pairava sobre Lindow Moss, o pântano que se prolongava por milhas a leste do castelo do pai.

Afastava a cortina sobre a vigia quando o moço do navio bateu à porta e entrou.

— Há um nevoeiro espesso, meu senhor, mas já subimos bastante o Tamisa, e o capitão calcula que cheguemos ao porto de Billingsgate a qualquer momento. — Os seus olhos brilhavam de excitação.

Lá em cima, no convés, Alaric encontrou o capitão Barsley na proa do *Royal George*, de mãos nas ancas. Encaminhou-se para ele, mas estacou, perplexo. Através do nevoeiro, o cais reluzia como um brinquedo de uma criança: uma massa confusa de manchas cor-de-rosa, púrpura e azul-claras que se iam distinguindo umas das outras à medida que o navio se aproximava.

Mulheres.

O cais estava apinhado de mulheres — ou, mais exactamente, de senhoras, considerando as altas plumas e as sombrinhas a flutuar no ar. Um sorriso curvou os cantos da boca de Alaric ao juntar-se ao capitão.

— Que diabo se passa?

— Julgo que aguardam um príncipe, ou alguma tolice do género. As listas de passageiros publicadas no *Morning Chronicle* são um chorrilho de disparates. Vão ficar muito desapontadas quando perceberem que o *Royal George* não transporta a bordo uma única gota de sangue real — comentou o capitão.

Alaric, que era aparentado com a coroa através do avô, deu uma gargalhada.

— O senhor tem um nariz nobre, Barsley. Talvez elas tenham descoberto algum parentesco que ignora.

Barsley apenas resmungou. Encontravam-se agora bastante perto para ver que as senhoras se aglomeravam até ao mercado do peixe. Pareciam oscilar para cima e para baixo, como boias coloridas, esforçando-se para ver através do nevoeiro. Alguns gritinhos sugeriam excitação, senão mesmo histeria.

— Estamos em Bedlam — exclamou Barsley, com repulsa. — Como é que vamos desembarcar no meio daquilo?

— Visto que chegamos de Moscovo, talvez elas pensem que o embaixador russo vem a bordo — respondeu Alaric, observando um barco a remos, manobrado por um trabalhador das docas, que vinha ao encontro deles.

— Por que carga de água viria um bando de mulheres esperar um russo?

— O Kochubey é um indivíduo muito bem-parecido — explicou Alaric, enquanto o barco colidia, com estrondo, com o lado do navio. — Queixou-se de que as damas inglesas o assediaram, chamando-lhe Adónis e esgueirando-se para o seu quarto durante a noite.

O capitão, porém, não lhe estava a prestar atenção.

— Que raio fazem aquelas mulheres no cais? — gritou quando o trabalhador da doca chegou no barco a remos e saltou

para o navio. — Arranjem espaço para a minha prancha de desembarque, ou não me culpem se os peixes tiverem uma bela refeição!

O homem saltou para o convés, de olhos arregalados.

— É verdade! O senhor está aqui! — conseguiu dizer.

— Claro que estou — ripostou o capitão.

Mas o homem não olhava para Barsley.

Olhava para Alaric.

Cavendish Square

Londres

A menina Wilhelmina Everett Ffynche estava embrenhada na sua atividade favorita: ler. Aninhada num cadeirão, devorava o testemunho ocular de Plínio acerca da erupção do Vesúvio.

Era exatamente o tipo de narrativa que mais lhe agradava: honesta e contida, permitindo ao leitor usar a sua própria imaginação, em vez de se atolar em pormenores sensacionalistas.

A descrição daquela nuvem de fumo em forma de guarda-chuva a espalhar-se, cada vez mais vasta e alta, era fascinante.

A porta abriu-se de rompante.

— A Madame Legrand mandou entregar o meu chapéu novo! — gritou a sua amiga Lavinia. — O que te parece?

Willa tirou os óculos e ergueu o olhar para Lavinia, que rodopiava.

— Absolutamente perfeito. A pluma preta foi um toque de génio.

— Acho que lhe confere *gravitas* — disse Lavinia, alegremente. — Dá-me um ar digno, senão mesmo filosófico. Como tu, com os óculos!

— Quem me dera que os meus óculos fossem tão sedutores quanto a tua pluma — comentou Willa, rindo.

— Estás a ler o quê agora? — perguntou Lavinia, sentando-se no braço da cadeira de Willa.

— O relato de Plínio sobre a erupção que soterrou Pompeia. Imagina só: o tio dele lançou-se na direção do fumo, determinado a resgatar sobreviventes. E queria que Plínio fosse com ele.

— O Lorde Wilde também se teria lançado sem hesitar por essa catástrofe adentro — disse Lavinia, com uma expressão de adoração sonhadora.

Willa revirou os olhos.

— E teria morrido, como aconteceu ao tio de Plínio. Devo dizer, o Wilde parece, de facto, o tipo de homem que corre para o perigo.

— Mas fá-lo-ia para salvar pessoas! — salientou Lavinia. — Não podes censurar isso. — Estava acostumada a que Willa desdenhasse do explorador que ela afirmava amar acima de tudo.

À exceção de chapéus novos.

E de Willa.

— Estou tão contente por o meu chapéu ter chegado a tempo da festa no castelo de Lindow — prosseguiu ela. — O que me lembra que os baús já estão arrumados, e a minha mãe quer partir depois do almoço.

— Claro! — Willa pôs-se de pé, de um salto, e guardou o livro e os óculos numa bolsinha de viagem.

— Estou ansiosa por ver a casa onde o Lorde Wilde passou a infância — disse Lavinia, com um suspiro de felicidade. — Tenciono escapulir-me para o quarto das crianças na primeira oportunidade.

— Porquê? — perguntou Willa. — Queres roubar uma recordação? Talvez um brinquedo com que ele se tenha entretido?

— Os jardineiros não conseguem manter intactos os canteiros do castelo — disse Lavinia, com um risinho. — As pessoas querem guardar as flores entre as folhas dos livros dele.

Willa nem queria imaginar o caos que seria se Lorde Wilde lá aparecesse, mas há anos que o homem não era visto em Inglaterra. A acreditar na imprensa popular, estava muito ocupado a lutar com lulas gigantes e a combater piratas.

Por vezes, Willa tinha a sensação de que uma febre varrera todo o reino — ou pelo menos a sua ala feminina —, deixando-a incólume.

Durante a temporada social que agora findara, as raparigas tinham conversado muito pouco sobre os homens com quem podiam casar e passar o resto da vida, e muito acerca do autor de livros como *Wilde no Mar dos Sargaços*.

*Wilde no Mar dos Sargaços? As Latitudes de Wilde?*¹

A única resposta racional era o desdém.

Willa acreditava que Lorde Wilde deveria ser igual a todos os outros homens: cheiro a whisky e propensão a arrotar e a olhar para os traseiros das mulheres sempre que tivesse oportunidade.

Segurou o braço de Lavinia e pô-la de pé.

— Vamos lá, então, tomar de assalto o quarto das crianças do castelo de Lindow!

¹ Todos os títulos de obras atribuídas a Lorde Wilde, bem como a peça de teatro sobre a sua vida, aproveitam o jogo de palavras entre Wilde, o seu apelido, e *wild*, adjetivo inglês que significa «selvagem, feroz, indomado». [N. T.]

Capítulo 2

Castelo de Lindow, Cheshire

Residência de campo do Duque de Lindow

28 de junho de 1778

Fim da tarde

Alaric percorreu um dos longos corredores da casa da sua infância com uma intensa sensação de felicidade. O irmão mais velho, Lorde Roland Northbridge Wilde — ou North, como preferia ser chamado — caminhava ao seu lado.

O herdeiro e o segundo filho. O cortesão e o explorador. O mais amado do duque e a desgraça. A desgraça infame, ao que parecia.

Ele e North eram da mesma altura, com feições e a forma do queixo semelhantes. Mas as parecenças acabavam aí. Se o tivessem tentado conscientemente, não poderiam ter saído mais diferentes na personalidade.

— Não fui para a cama com a imperatriz — afirmou Alaric quando chegaram ao fundo das escadas. Deteve-se em frente do espelho debruado a ouro, na entrada do castelo, para ajeitar uma velha e empoada peruca na cabeça, e fez uma careta ao mirar-se. — Talvez fosse melhor eu mudar de ideias e voltar para a corte russa. Pelo menos, não teria de usar esta monstruosidade.

— A sério que o rumor não tem uma ponta de verdade? — insistiu North, aproximando-se de Alaric. — O Joseph Johnson está a vender uma gravura intitulada *Inglaterra Toma Rússia de Assalto*. É do quarto da imperatriz Catarina, e o tipo é incrivelmente parecido contigo. — Os olhos de ambos encontraram-se no espelho, e North encolheu-se visivelmente. — Santo Deus, não tens outra peruca? — Franziu o sobrolho ao olhar para o ninho de ratos na cabeça de Alaric. — O pai não vai gostar de te ver assim ao jantar. Raios, não me agrada nada!

Não era de surpreender. North usava uma imponente criação cor de neve que o fazia parecer o cruzamento entre um papagaio mergulhado em pó de gesso e uma galinha aperaltada. Alaric não via o irmão há cinco anos, e mal o reconhecera.

— Vim diretamente do porto, mas mandei o meu criado a Londres. O Quarles chegará dentro de alguns dias com uma peruca nova, embora dificilmente se aproximará da elegância da tua.

North ajeitou os punhos. Punhos de seda *cor-de-rosa*.

— Decerto que não, visto que esta peruca é parisiense, aperfeiçoada com o melhor pó de cabelo de Chipre.

Nesse momento, o mordomo da família, Prism, chegou ao vestíbulo. Era o género de mordomo que acreditava piamente que a aristocracia não podia cometer erros. Ser mordomo dos Wildes oferecia ataques constantes à sua convicção, mas ele possuía uma capacidade mágica de desdenhar as provas em contrário.

— Boa tarde, Lorde Roland, Lorde Alaric. Posso ser útil?

— Boa tarde, Prism — respondeu Alaric. — O meu irmão está decidido a estragar o chá da duquesa, apresentando-me à sua noiva.

— As senhoras ficarão chocadas e deliciadas — comentou Prism, com uma tosse que conseguiu esconder a sua censura pela inesperada fama de Alaric.

— Eu estou tão perplexo quanto vocês — disse-lhe Alaric. Escapara à multidão no porto usando o chapéu do capitão Barsley. Nenhuma das mulheres que gritava o seu nome o reconheceu, enquanto ele avançava pelo meio delas, o que tornou a experiência ainda mais estranha.

— Dá-me um minuto — pediu North, ajustando o seu elaborado plastrão ao espelho. — Prepara-te, Alaric. Desconfio que todas as mulheres presentes na sala possuem pelo menos uma gravura a representar as tuas aventuras.

— O duque diz que essas gravuras inundaram o país durante os anos em que estive fora de Inglaterra. Na verdade, penso que a palavra que ele usou foi «profanaram».

— A forma como as pessoas partilham rumores acerca de ti, para não falar nas suas coleções de retratos, não agrada ao nosso pai. Ele acha que a tua celebridade não é própria da nossa categoria. Lembras-te da Lady Helena Biddle? Parece que encheu a casa de gravuras tuas, pelo que é possível que desmaie à tua entrada.

Alaric conteve uma imprecação. Helena Biddle já o assediara cinco anos antes.

— Ela enviuvou — acrescentou o irmão, ajeitando os caracóis sobre as orelhas.

Àquele ritmo, ficariam ali uma hora.

— Estou ansioso por conhecer a tua noiva — incentivou Alaric.

North recorria ao truque de se mostrar severo, fosse qual fosse a sua disposição, mas, nesse momento, a expressão da sua boca aliviou.

— É só procurares a mulher mais bonita e elegante da sala.

Que importava que, durante a ausência de Alaric, North se tivesse transformado num pavão? O irmão mais velho estava apaixonado, claramente.

Alaric deu-lhe um abraço desajeitado, só com um braço, que pôs em risco a perfeição do plastrão do irmão.

— Estou feliz por ti. Agora, deixa de remexer na cabeleira e apresenta-me a essa maravilhosa criatura.

Prism abriu as grandes portas que conduziam ao salão, onde a ala feminina dos hóspedes do duque se reunira para o chá. A sala diante deles estava apinhada de coisas que Alaric desprezava: sedas, perucas, diamantes — e rostos insípidos.

Ele gostava de mulheres, mas... de senhoras aristocratas, criadas para dar risinhos e falar unicamente de moda?

Não.

Havia 20 damas variadas na sala, incluindo a sua madrasta, a duquesa, mas o olhar de North voou diretamente para uma senhora cuja sobressaia tinha nada menos do que três folhos. Havia outras mulheres cujo traseiro estava adornado com folhos, mas os daquela mulher eram os maiores de todos.

Ao que parecia, quanto maior fosse o seu traseiro, mais sofisticada era a senhora.

— É ela — disse North, em voz baixa. Parecia ter vislumbrado uma criatura da realeza.

Se o simples volume do traje fosse indicativo de categoria, a menina Belgrave seria, decerto, apropriada ao trono. A sua aná-gua era a que tinha mais laços; o seu vestido, o que tinha mais folhos. E usava uma cesta cheia de frutos no cimo da cabeça.

Alaric franziu o sobrolho. O irmão tencionava mesmo casar com uma mulher assim?

— Lorde Roland... e Lorde Alaric — anunciou Prism.

As senhoras registaram a sua presença com um arquejo audível. Alaric cerrou os maxilares. Depois, virou-se para o irmão e disse:

— Bilhar, a seguir?

North piscou-lhe o olho.

— Estou sempre disposto a ficar com o teu dinheiro.
Sem alternativa, Alaric entrou no salão.

Felizmente, Willa olhava casualmente para a porta quando o grande explorador foi anunciado, não passando pela vergonha de entornar o chá ao virar-se — como aconteceu a quase todas as outras mulheres da sala.

Não podia censurá-las. A imagem de Lorde Wilde pendia de paredes de quartos de dormir por todo o país, e, no entanto, ninguém esperava vir a conhecê-lo. Confrontada, realmente, com o homem, a senhora ao seu lado bateu com a mão no peito e pareceu prestes a desmaiar.

Foi positivamente trágico que Lavinia se tivesse atrasado para o chá; assim que soubesse da notícia, ficaria furiosa consigo própria.

O homem que caminhou para o meio delas, sem olhar para a esquerda nem para a direita, usava botas robustas, em vez das chinelas que os cavalheiros costumavam usar no interior.

Não tinha anéis nos dedos, nem caracóis na cabeleira e não usava verniz.

Willa abriu o leque para examinar melhor aquele exemplo de masculinidade, como lhe chamara o *Morning Post*. Não era, decerto, um exemplo de moda.

Parecia que teria estado mais à vontade noutro século — talvez na Idade Média, quando os cavalheiros lutavam com espadas. Em vez disso, vivia encurralado numa época em que os dedos dos pés dos cavalheiros se escondiam sob as rosas cosidas nos seus chinelos.

Nesse momento, o silêncio que dominara o salão foi quebrado e houve uma onda de tagarelice, e mais do que um pequeno guincho.

— Estou a ver a cicatriz dele — gritou alguém atrás dela.

Só então Willa reparou na fina linha branca que serpenteava pela sua face bronzeada, algo que devia ser desagradável à vista, mas que, curiosamente, não era.

Havia muitas histórias sobre a forma como ele adquirira aquela cicatriz, mas Willa sempre supusera que Lorde Alaric caíra numa casa de banho e batera com a cabeça numa esquina.

A prima afastada de Lavinia, Diana Belgrave — futura cunhada de Lorde Alaric —, que estivera, amuada, a fitar os jardins através da janela, apressou-se a posicionar-se de costas para a sala.

— Achas que o Lorde Roland me viu? — sussurrou.

Os dois irmãos beijaram a mão da madrastra e... viraram-se diretamente para elas.

Willa quase suspirou, mas criara, anos antes, a regra de que Wilhelmina Everett Ffynche nunca suspirava. Contudo, se alguma vez houvera uma situação que exigia um suspiro, era quando uma jovem — Diana, por exemplo — se sentia tão desencantada com o futuro marido que faria tudo para evitar a sua companhia.

— Viu, sim — respondeu. — Virar as costas não constitui disfarce quando a tua peruca é maior do que qualquer outra. Vêm na nossa direção, como pombos domésticos a caminho do poleiro.

Vendo-os a aproximarem-se, Willa compreendeu de imediato a razão por que as gravuras de Lorde Wilde adornavam tantas paredes de quartos. Havia algo de chocante nele.

Era tão grande — e vital, de uma forma primitiva.

Uma característica com a qual seria desconfortável viver, recorreu a si própria. Ela tinha apenas uma gravura de Sócrates: um homem refletido e inteligente, cujas coxas eram, sem dúvida, tão magras quanto as suas.

— Willa, suplico-te que faças as despesas da conversa — susurrou Diana. — Já tive de suportar um diálogo com o Lorde Roland à mesa do pequeno-almoço.

O noivo chegou junto delas antes de Willa poder responder.

— Menina Belgrave, permita-me que lhe apresente o meu irmão, Lorde Alaric, que acabou de chegar da Rússia — disse a Diana.

Enquanto Diana demonstrava a sua notável capacidade de fazer vénias equilibrando meia banca de mercearia na cabeça, Willa descobria que Lorde Alaric tinha faces esculpidas, lábios que não envergonhariam um cortesão italiano, olhos azuis...

Oh, e um nariz direito.

Aqueles retratos dele que podiam ser encontrados em todas as lojas de gravuras não lhe faziam justiça.

Inclinou-se diante de Diana com uma graça surpreendente, dadas as dimensões do seu peito. O casaco retesava-se sobre os ombros. Poder-se-ia pensar que um corpo tão definido por músculos fosse difícil de dobrar.

Também se poderia pensar que o filho de um duque tivesse um alfaiate melhor.

— É um prazer conhecê-la, menina Belgrave — disse ele, beijando a mão de Diana. — É uma honra acolhê-la na nossa família.

Diana conseguiu esboçar um sorriso desfalecido.

Willa quase recuou quando Lorde Roland se virou para ela. Lorde Alaric era tão grande que lhe deu a sensação absurda de que podia engolir o ar em volta deles.

Isso explicaria, pelo menos, a sua sensação de falta de ar.

Lorde Roland estava ansioso por conversar com a sua futura esposa, e não tardou a puxá-la de lado para um *tête-à-tête*, deixando Willa sozinha com o explorador.

— Lorde Alaric, é um prazer — disse ela, estendendo-lhe a mão para que ele a beijasse.

O seminário de elite que frequentara fora magnífico no ensino do protocolo para situações sociais embaraçosas. Naquele caso, bastava que Willa fingisse que o círculo de senhoras atrás de si, aguardando, de respiração suspensa, a mesma experiência, nem sequer existia.

Curiosamente, Lorde Alaric parecia também não lhes prestar qualquer atenção. Quando levou a mão dela aos lábios, o sorriso nos seus olhos parecia ser só para ela.

— Devo dizer que o prazer é todo meu — murmurou ele.

A sua voz era grave e rouca, tão invulgar quanto a sua indumentária. Não era a voz de um cortesão. Nem de um rapaz, como acontecia com muitos dos pretendentes dela. Era a voz de um homem adulto.

Em vez de lhe beijar as costas da mão, ergueu-lhe os dedos meio fechados até à boca, e, quando os seus lábios os tocaram, os olhares de ambos encontraram-se.

Ela não usava luvas, mas isso não explicava a forma como a sua pele ganhou vida. Willa sentiu os lábios curvarem-se num sorriso muito diferente da expressão serena com que habitualmente saudava um estranho.

— Sei que acabou de regressar a Londres — disse ela, retirando rapidamente a mão. — De que sente falta, quando viaja pelo estrangeiro?

Os olhos de Lorde Alaric, emoldurados por sobrancelhas espessas, eram do azul do céu ao crepúsculo.

A beleza era um acaso de nascimento. Mas os olhos? Isso era diferente. Uns olhos bonitos tinham sentimento.

— Sinto falta da minha família — respondeu ele. — A seguir, de colchões sem piolhos, brandy, criados acolhedores, um bom prato de ovos com presunto de manhã. Ah, e da companhia das senhoras.

— Deve ser sufocante ser tão idolatrado — comentou Willa, irritada por ele posicionar as senhoras abaixo de um prato de presunto.

A boca de Lorde Alaric curvou-se num sorriso cínico.

— Idolatrado é um pouco forte. Sinto-me afortunado por os meus leitores encontrarem razões para apreciarem o meu trabalho.

Ela deixou que um vestígio de desdém lhe brilhasse no olhar porque... falsa modéstia? *Ugh!*

— Eu gostei de ler o ensaio de Montaigne sobre os canibais, mas nem por isso pendurei a imagem do autor no meu quarto.

Ele mostrou-se ligeiramente surpreendido. Será que nunca ninguém discordava dele? Ou ignoraria que a sua imagem presidia a altares espalhados por muitos quartos?

— Para onde tenciona viajar a seguir? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Ainda não decidi. Tem alguma sugestão?

— Não sei bem onde é que já estive — admitiu Willa. — Creio que sou uma das poucas pessoas no reino que desconhecem as peregrinações de Lorde Wilde.

Os seus olhos, de pálpebras pesadas, abriram-se ligeiramente, com a curva da sua boca a intensificar-se um pouco mais.

— Uma grande palavra para um assunto sem importância. Garanto-lhe que não é a única a evitar os meus livros.

Willa teria gostado de encolher os ombros, mas isso era como suspirar: uma forma deselegante de mostrar emoções que era preferível não revelar.

— Existem poucas provas disso — notou ela. — Esteve fora algum tempo, mas vai perceber que a sua obra é muito lida.

— Prefere romances? — perguntou ele.

— Não, julgo que nenhum género de histórias inventadas me atrai — respondeu Willa.

Os olhos dele estavam tão atentos ao seu rosto que ela começava a sentir-se ligeiramente tonta.

Que homem irritante!

— Eu não invento os acontecimentos que descrevo — retorquiu Lorde Alaric, com um vestígio de riso na voz.

— Decerto que não — apressou-se ela a dizer. Mas, incapaz de resistir, acrescentou: — No entanto, pelo que me disse a minha amiga Lavinia, não concordaria que as suas aventuras tendem a ser, digamos, exageradas?

— Não — respondeu ele, parecendo ainda mais divertido. — O que está a ler neste momento?

— As cartas de Plínio a Tácito, mas vou pô-las de lado e ler um dos seus relatos. Por onde me recomenda que comece? Talvez pelos canibais?

Uma das sobrancelhas dele ergueu-se.

— Canibais?

— Oh, é verdade! — exclamou Willa. — A Lavinia disse-me que os canibais só aparecem na peça.

Como um ponto final termina uma frase, aquilo pôs fim ao divertimento dele. Franziu o sobrolho.

— Peça?

— A *Paixão de Wilde* — respondeu Willa, perplexa por ele desconhecer a peça de grande sucesso sobre a sua vida.

Lorde Alaric não parecia satisfeito.

— E o que sucede em *A Paixão de Wilde*?

— Como pode imaginar, conhece uma senhora — respondeu Willa, observando com agrado a sua expressão de dor intensificar-se.

O pigarreio de Lorde Roland sobressaltou-a. Ao que parecia, Diana fugira, e o irmão de Lorde Alaric voltou para junto deles.

— Esqueci-me de te contar — disse ele, sorrindo maliciosamente ao irmão. — Fizemos uma excursão especial a Londres,

para ver a tua peça, Alaric. A tia Knowe comprou todos os medalhões à venda à porta do teatro.

Lorde Alaric franziu o sobrolho.

— Reproduções do medalhão que o senhor dá à sua noiva — explicou Willa.

— Não só me apaixono, como fico noivo?!

— Ela era o teu único e verdadeiro amor — esclareceu Lorde Roland, abrindo ainda mais o sorriso. — Escreveste e recitaste uma grande quantidade de poesia amorosa, que ocupa a maior parte do primeiro ato, e, no fim, ofereceste-lhe um medalhão, como prova da tua devoção. Verás, sem dúvida, senhoras a usá-los; ontem a tia Knowe distribuiu-os como bolachinhas de gengibre.

— Que grande disparate! Nunca tive uma noiva, nem nunca escrevi um verso de poesia. O que mais acontece nessa farsa?

— Lamento informar que não se trata de uma farsa, mas de uma tragédia, visto que os canibais fazem um banquete com a sua amada — explicou Willa, incapaz de esconder um sorriso, assim como Lorde Roland.

— Não posso dizer que me entristeça muito saber da morte de uma noiva que nunca vi — comentou Lorde Alaric.

— Não leves a mal o meu conselho — disse o irmão, sem se conter —, mas devias ter prescindido do pequeno-almoço e superado o teu medo da água a tempo de salvar a filha do missionário dos canibais.

O corpo de Lorde Alaric petrificou.

— O que queres dizer com «filha do missionário»?

Instintivamente, Willa recuou um passo. De repente, ele pareceu-lhe um predador prestes a atacar. Porém, mais ninguém reparou.

Quando ela quebrou o pequeno círculo, o grupo de senhoras impacientes atrás deles avançou, empurrando-a para um lado.

Ela devia sair sem olhar para trás, e foi exatamente isso que começou a fazer, mas a meio da sala virou-se e viu, com embaraço, que Lorde Alaric a observava.

Devia estar acostumado a que as senhoras lhe lançassem olhares anelantes, porque um dos cantos da sua boca curvou-se quando os seus olhares se cruzaram.

Estaria a fazer troça dela por fugir?

Willia virou rapidamente a cabeça. Ele não podia ter deixado mais claro que pouco lhe importavam as regras de civismo que o comportamento dos bem-nascidos exigia.

O homem era uma ameaça para a alta sociedade.

Uma ameaça atraente, mas uma ameaça.

Capítulo 3

Sala de bilhar
Início da noite

— Não me lembro de alguma vez te ter visto a usar seda, muito menos seda cor-de-rosa — comentou Alaric. Estava encostado à mesa de bilhar, vendo o irmão introduzir repetidamente a bola vermelha na bolsa, com uma mestria descontraída. — Se não tiveres cuidado, vais ficar com um ar *duquês*. Lembras-te do Horatius?

Antes de morrer, o irmão mais velho, Horatius, apreciara muito o disparate de ser herdeiro de um ducado. Ainda andava de calções e já era pomposo. Caramba, provavelmente já o seria quando usava fraldas.

— «Duquês» não é uma palavra, e isto é o que um nobre inglês usa — disse North, sem entoação. — Agora que voltaste a Inglaterra, tens de te vestir de acordo com a tua posição.

— Fiz a barba — observou Alaric.

North bateu a bola branca na vermelha, que caiu novamente na bolsa.

— Talvez o ar em volta de um futuro duque esteja envenenado. Tenho de confessar que, por vezes, me surpreendo a mim próprio.

— Ainda não é a minha vez? — Alaric bebeu uma boa porção de brandy francês.

— Não.

— Cheguei à conclusão de que a tua peruca te faz parecer um papagaio africano cruzado com uma galinha aperaltada.

North bateu o taco, usando a ponta fina para fazer uma carambola com a bola branca, que acertou noutra e depois na vermelha — que, surpreendentemente, não entrou na bolsa.

— O Horatius morreu. Eu tive de crescer.

Alaric tentou afastar uma ponta de tristeza familiar.

— Tens três caracóis sobre cada orelha. — Junta-lhes os bonitos folhos dos teus pulsos e o casaco enfeitado com bordados a ouro, e o resultado não se pode explicar apenas pela maturidade.

— Nem imaginas como acho enfadonhas as tuas críticas de alfaiataria — comentou North. — Já que estás preocupado com o meu guarda-roupa, posso fazer a próxima jogada?

— Força — respondeu Alaric, bebendo mais um gole. — Não é só o guarda-roupa. Quando parti, há cinco anos, andavas sem peruca, com uma bailarina rechonchuda num bolso e uma cantora italiana maldisposta no outro. E agora vais casar.

North inclinou-se para posicionar o taco.

— As pessoas mudam.

— Usas tacões altos — prosseguiu Alaric, olhando para os pés do irmão. — Caramba, nem sequer são pretos, pois não? — Dobrou-se e acrescentou, com alguma repugnância: — North, as tuas meias são às riscas e os teus saltos são amarelos. Amarelos!

— É a última moda. Partiste em 1773, e estamos em 1778. A moda muda. — Introduziu a bola vermelha.

— Tornaste-te um peralvilho. Não me admiraria se comesas a usar grandes fivelas de prata nos sapatos.

O irmão endireitou-se.

— Alaric... — A sua voz era perigosamente baixa, um tom que, nos dias de infância, seria seguido por uma tentativa de atirar os irmãos ao chão.

Alaric, porém, nunca conseguira refrear-se de espicaçar a fera — neste caso, o homem que quase não parecia o irmão que recordava.

— Devo preparar-me para te ver subir ao altar com sapatos de salto escarlate? Certamente a usar *rouge*, e com sinaizinhos pintados na cara?

North semicerrou os olhos azul-escuros, sobrenaturalmente semelhantes aos de Alaric.

— Deverei supor que te apresentarás na igreja parecendo um ferreiro? Porque é o que pareces neste momento.

— O Quarles ficaria muito sentido se te ouvisse — comentou Alaric. O seu criado fazia o melhor que podia, considerando que o amo se recusava a usar seda, tacões, folhos ou *rouge*.

A família deles era grande, de acordo com todos os padrões — a terceira mulher do pai estava prestes a dar à luz mais um pequeno Wilde —, mas Horatius, ele e North tinham sido os primeiros três a ocupar o quarto das crianças.

Alaric diria que se conheciam uns aos outros por dentro e por fora: Horatius era arrogante, mas verdadeiro; Alaric era aventureiro, quase imprudente; North era folgazão e meio louco. Nenhuma dessas duas características era visível no irmão, agora. Em vez disso, mostrava-se empertigado, moderno, enfeitado. *Prestes a casar.*

Era difícil acreditar.

Impossível.

— Qual é o primeiro nome da menina Belgrave? — perguntou Alaric. Mal conseguira falar com a futura cunhada.

Sobretudo porque fora distraído por aquela megerazinha feroz que não lera os seus livros.

Mas, caramba, ela era linda! Feições delicadas e lábios curvados, que se curvavam de tal forma que faziam um homem pensar instintivamente em levá-la para a cama — embora a sua boca se torcesse num sorrisinho sardónico, porque ela, evidentemente, decidira que ele era um contador de histórias, na melhor das hipóteses. E um frívolo, na pior. Frívolo e aldrabão, ainda por cima, criando, do nada, os eventos dos livros de Lorde Wilde.

Pouco importava o seu sorrisinho desdenhoso: quando ele olhara para ela, compreendera o porquê das perucas. Uma peruca resguardava o cabelo de uma mulher para si mesma — e para o seu amante. Transformava-o num deleite privado.

Depois, quando se inteirara da absurda peça de teatro, fora atacado por senhoras que haviam visto *A Paixão de Wilde* e pareciam acreditar que a sua vida tinha mesmo alguma semelhança com aquele disparate.

— A minha noiva chama-se Diana — respondeu North, sorrindo. Um sorriso involuntário, que lhe iluminou os olhos.

— Diana?! Caramba, já faz praticamente parte da família! — comentou Alaric, afastando os pensamentos acerca de *A Paixão de Wilde*.

O pai batizara todos os filhos com nomes de guerreiros; Alaric e Roland representavam batalhas entre Alaric, rei dos Visigodos, e Roland, chefe paladino do imperador Carlos Magno. Horatius era demasiado altivo para essas brincadeiras infantis: como gostava de lembrar, o seu homónimo combatera um exército inteiro sozinho.

— Já disse à duquesa que ela pode não ter nome para o bebé — comentou North.

— Em breve esgotar-se-ão os nomes apropriados. — Alaric enumerou-os. — Tu, eu e o Horatius da parte da mãe. Leonidas,

Boadicea, Alexander e Joan da segunda duquesa. A terceira deus-nos Spartacus, Erik e seja lá qual for o nome do que aí vem.

— Não te esqueças da Viola — disse North. Viola era filha do primeiro casamento da duquesa atual. O pai conhecera a sua terceira mulher alguns anos após ela ter enviuvado.

— A Viola não tem nome de guerreira, porque o pai não estava lá para a batizar. Mas a Diana ficará bem integrada. Fala-me dela.

— Já viste quão bonita é — disse North, com o rosto suavizado. — É uma das senhoras mais elegantes de Londres. Trará um dote substancial ao nosso património.

— Não precisamos disso — contestou Alaric. — A não ser que as coisas tenham mudado...

— Não mudaram, mas o dinheiro é sempre útil.

— Isso é verdade. Quais são os interesses dela? — O irmão pareceu não compreender a pergunta. — Além da moda — explicou Alaric. — Ela é interessante?

— Não preciso, nem quero, uma mulher interessante — ripostou North, tirando a bola vermelha de dentro da bolsa. — Na verdade, acho que uma mulher interessante é um anátema para um homem como eu.

— Um homem como tu... — repetiu Alaric. — Em que género de homem te transformaste, exatamente, North?

A boca do irmão tornou-se uma linha muito fina.

— Tu podes dar-te ao luxo de passeares pelo mundo inteiro, intitulado-te Lorde Wilde, em busca de tribos de pigmeus e elefantes selvagens, mas eu não posso. O património exige muito trabalho: o pai acabou de comprar uma sexta propriedade, no País de Gales.

— Não sabia que precisavas de mim — retorquiu Alaric, sentindo-se como se tivesse levado um soco no estômago.

— Não preciso — respondeu North, de imediato. — Quero lá saber se estiveste a torrar em África ou a gelar em São Petersburgo.

Mas, claramente, importava-se. Maldição!

Alaric pousou o copo.

— Peço desculpa por ter estado longe tanto tempo, deixando-te a cuidar do meu património, além de tudo o resto.

— Em relação a isso, queria dizer-te que contratei alguns homens para guardarem a tua casa, mas as pessoas estão sempre a infiltrar-se lá e a roubar tijolos.

— Por que raio?

— Recordações — explicou North, encolhendo os ombros. — Símbolos do seu amor. Diabos me levem se sei!

Alaric reprimiu uma imprecação. Uma cerca alta mantê-los-ia afastados. Talvez uma cerca e alguns cães grandes, pelo sim, pelo não.

— Há um grande negócio de memorabilia Wilde — continuou o irmão —, por isso acho que alguns dos tijolos chegaram a Londres.

— Aquela maldita peça! — exclamou Alaric, com repulsa. — Tenho de a fechar. — Contudo, não podia partir imediatamente para Londres, após uma ausência tão longa. O pai pediu-lhe que permanecesse em Lindow durante algumas semanas, pelo menos até ao nascimento do seu novo irmão.

— Não creio que seja ilegal escrever uma peça acerca da vida de outra pessoa. *A Paixão de Wilde* é tudo o que poderias esperar: melodramática, ridícula e muito divertida. Os bilhetes estão esgotados há meses.

— Uma coisa é uma peça sobre Júlio César — comentou Alaric. — Eu estou vivo! Gostavas de assistir a uma série de dis-parates acerca de ti num palco?

— Foste tu que escreveste livros acerca de ti — ripostou North.

— Eu escrevi livros! Não uma peça. Os livros são rigorosos. Eu não tenho nada que ver com canibais. — Alaric bebeu o resto do brandy, sabendo-lhe bem o ardor.

A filha do missionário só podia ser uma coincidência. Conseguia imaginar um dramaturgo decidido a ganhar algum dinheiro, criando aventuras espúrias sob o insípido título de *A Paixão de Wilde*. Mas como é que esse idiota soubera que devia incluir a filha de um missionário?

Na verdade, fora devido à única filha de um missionário que ele conhecera, a menina Prudence Larkin — que o amara, embora não fosse correspondida —, que ele se mantivera afastado de jovens virtuosas. De facto, punha vagamente as senhoras e os canibais na mesma categoria: seres vorazes, com um gosto especial por ingleses.

Porém, nem a peça, nem os seus leitores ladrões eram tão importantes quanto a revelação que North fizera antes.

— Lamento ter-te deixado a cuidar do meu património. — O seu queixo ficou tenso. — Era mais fácil embarcar noutra nave do que voltar para casa e imaginar o Horatius a perder a vida no pântano. — Inclinou a cabeça na direção de Lindow Moss, a vasta extensão de terras húmidas a leste do castelo.

— Pensas que eras só tu? Todos temos saudades do Horatius. Mas também tivemos saudades tuas. — A bola branca de North bateu na almofada da mesa, rodou e faltou a bolsa por pouco. — Na verdade, li o teu último livro, não por ser um dos teus imensos admiradores, mas para ter uma ideia do que o meu irmão andava a fazer e onde se encontrava.

— Peço desculpa — repetiu Alaric. Passou novamente a mão pelo cabelo. — Maldição! Lamento mesmo.

— O Horatius teria adorado o teu último livro. Teria ficado muito orgulhoso de ti. Provavelmente, arrastar-nos-ia para aquela peça todas as noites da semana. — North bateu a bola com tanta força que esta saltou da mesa e rolou pelo chão. — É a tua vez — disse, erguendo o olhar.

«Eloisa James faz-nos sempre suspirar,
sorrir e apaixonar-nos.»

JULIA QUINN



Lorde Alaric Wilde é um famoso escritor e explorador inglês, venerado pelas suas perigosas aventuras e elegante aparência. Após alguns anos no estrangeiro, regressa a casa. Só que Alaric não fazia ideia da sua celebridade até o seu navio atracar em Londres e ser recebido por uma multidão de senhoras desejosas de ver ao vivo o autor da famosa peça *A Paixão de Wilde*.

Para fugir a todo o reboiço, Alaric refugia-se no castelo do pai. Lá, conhece a bonita e espirituosa menina Willa, que tem inúmeros pretendentes, mas não tem interesse por nenhum, e muito menos por um cuja vida privada é partilhada com o país inteiro. Alaric adora desafios e, até conhecer Willa, nunca se tinha apaixonado.

Conseguirá um homem que não aceita perder uma batalha conquistar uma mulher com um espírito indomável?



«O início encantador, romântico e inesperadamente divertido de uma nova e promissora série.

Um romance obrigatório para os fãs de Eloisa James e a aposta certa para qualquer leitor de romances.»

KIRKUS REVIEWS

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8917-41-6  9 789898 917416 Ficção Romântica</p>
---	--